



Alice Carvalho Cumplido de Sant'Anna

DOBRA

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Marília Rothier Cardoso

Rio de Janeiro
Julho de 2020



ALICE CARVALHO CUMPLIDO DE SANT'ANNA

DOBRA

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Marília Rothier Cardoso

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando Henriques Britto

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Sofia de Sousa Silva

Departamento de Letras – UFRJ

Prof. Italo Moriconi

Departamento de Letras – UERJ

Profa. Raissa de Góes

Departamento de Letras – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2020.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Alice Carvalho Cumplido de Sant'Anna

Alice Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro em 1988. É formada em Comunicação Social (Jornalismo) pela PUC-Rio. Em 2014, após três meses como Visiting Fellow na Universidade Brown, concluiu o mestrado em Literatura Cultura e Contemporaneidade, também pela PUC-Rio, com a dissertação *A sombra tem cor?*. Em 2020, defendeu a tese de doutorado *Dobra*, pela mesma instituição. Entre outros livros, é autora de *Rabo de baleia* (Cosac Naify, 2013) e *Pé do ouvido* (Companhia das Letras, 2016). Atualmente, mora em São Paulo e trabalha como editora.

Ficha Catalográfica

Sant'Anna, Alice Carvalho Cumplido de

Dobra / Alice Carvalho Cumplido de Sant'Anna ; orientadora:
Marília Rothier Cardoso. – 2020.
83 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2020.

Inclui bibliografia

1. Letras - Teses. 2. Poesia. 3. Maternidade. 4. Gravidez. 5. Casa. 6. Autobiografia. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD:800

Para meu filho e meu avô

Agradecimentos

Esta tese só foi possível graças ao apoio, à generosidade e à paciência de Marília Rothier Cardoso, Luis Barbieri, Nicolau Barbieri, Ana Cristina Ribeiro, Alexandre Sant'Anna, Alberto Sant'Anna, Marina Duarte, João Gomes, Armando Freitas Filho, Marília Garcia, Paulo Henriques Britto, Sofia de Sousa Silva, Manoela Sawitzki, Ana Guadalupe, Mariano Marovatto, Davi Arrigucci, Heloisa Buarque de Hollanda, Luisa Borja, Catarina Flaksman, Winnie Hagemeyer, Carolina Frossard, Lucas Viriato, Leonardo Gandolfi, Bruna Beber, Fabricio Corsaletti, Patricia Veiga, Veronica Sant'Anna, Laura Turton, Luiz Schwarcz, Otavio Marques da Costa, Rita Mattar, Emilio Fraia, Ricardo Teperman, Kammal João, Adi Gold, Helena Martins, Rosana Kohl Bines, Julio Diniz, Paulo Roberto Pires e Ismar Tirelli Neto. Todo agradecimento é pouco.

Agradeço enormemente aos professores que aceitaram participar da banca: Marília Rothier Cardoso, Paulo Henriques Britto, Sofia de Sousa Silva, Italo Moriconi, Raissa de Góes, Aline Leal e Marcelo Santos.

Meu agradecimento à PUC-Rio e à Companhia das Letras.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Sant'Anna, Alice Carvalho Cumplido de; Cardoso, Marília Rothier (Orientadora). **Dobra**. Rio de Janeiro, 2020. 83p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Em forma de registros diários, a presente tese – que reúne um conjunto de poemas e uma sequência de textos em prosa – descreve acontecimentos relacionados à adaptação da narradora a uma nova cidade. O tema serve como convite para refletir sobre a passagem do tempo. Poemas e fragmentos enfocam o transcurso de semanas e meses por prismas diversos, subvertendo, cada um à sua maneira, a cronologia convencional dos diários. Esses tratamentos diferentes da escrita suplementam-se, buscando avaliar suas próprias posições. O título faz referência à noção de dobra formulada por Roland Barthes, que aponta o instante em que se tem consciência de estar numa encruzilhada, no ponto de virada, quando se ingressa na “outra vida”, na “nova vida”. Ainda de acordo com Barthes, escolher a “nova vida” só é possível se essa decisão engendrar uma nova prática de escrita, por sua vez, dobrada em autocrítica.

Palavras-chave

São Paulo, Praça Roosevelt, poesia, viagem, mudança, adaptação, maternidade, gravidez, casa, morte, tempo, contra-diário, autobiografia.

Abstract

Sant'Anna, Alice Carvalho Cumplido de; Cardoso, Marília Rothier (Advisor). **Fold**. Rio de Janeiro, 2020. 83p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis, which takes shape as daily notes, combines a set of poems and a prose text in which the narrator describes the period of adaptation in a new city. The subject serves as a trigger to reflect on the passage of time, throughout weeks and months, through different prisms. By doing so, these poems and fragments subvert, each in their own way, the conventional chronology of diaries, seeking to supplement and to examine their own status. The title of the thesis refers to the notion of “fold” formulated by Roland Barthes, which describes the moment in which one becomes aware of being at a crossroads, at a turning point, when their “other life” – a “new life” – begins. Also according to Barthes, the “new life” is only possible if this decision brings along a new practice of writing, folded up as self-criticism.

Keywords

São Paulo, Praça Roosevelt, poetry, travel, change, adaptation, motherhood, pregnancy, home, death, time, diary, autobiography.

Sumário

1.PRIMEIRO TEMPO	9
1.1 QUARTA-FEIRA	10
1.2 QUARTA-FEIRA	14
1.3 QUARTA-FEIRA	16
1.4 QUARTA-FEIRA	20
1.5 QUARTA-FEIRA	23
1.6 QUARTA-FEIRA	25
1.7 QUARTA-FEIRA	27
1.8 QUARTA-FEIRA	29
1.9 QUARTA-FEIRA	30
1.10 QUARTA-FEIRA	31
1.11 QUARTA-FEIRA	32
1.12 QUARTA-FEIRA	33
1.13 QUARTA-FEIRA	35
1.14 QUARTA-FEIRA	36
1.15 QUARTA-FEIRA	38
1.16 QUARTA-FEIRA	39
1.17 QUARTA-FEIRA	40
1.18 QUARTA-FEIRA	41
1.19 QUARTA-FEIRA	42
1.20 QUARTA-FEIRA	43
1.21 QUARTA-FEIRA	44
1.22 QUARTA-FEIRA	45
1.23 QUARTA-FEIRA	47
1.24 QUARTA-FEIRA	48
1.25 QUARTA-FEIRA	50
1.26 QUARTA-FEIRA	52
1.27 QUARTA-FEIRA	53
1.28 QUARTA-FEIRA	54
2.SEGUNDO TEMPO	56
2.1 HOJE	57
2.2 HOJE	64
2.3 HOJE	65
2.4 HOJE	69
2.5 HOJE	72
2.6 HOJE	73
2.7 HOJE	74
2.8 HOJE	75
2.9 HOJE	77
2.10 HOJE MAIS TARDE	78
2.11 AINDA HOJE	81
3.BIBLIOGRAFIA	82

1. PRIMEIRO TEMPO

1.1 QUARTA-FEIRA

comida comida
não tem comido
ainda não pegou o jeito
tem jantado pastel
queijo quente e afins
chegou num domingo
um dia aberto e azul
e pensou: melhor não me acostumar
olhava pela janela do táxi
e ali estava o ibirapuera
o motorista se fazia de guia
é o maior parque da cidade
agora inventaram umas histórias de estupro
mas eu não acredito não
você diz no banco de trás
que estupro é coisa séria
e ele um senhorzinho
responde que é coisa séria mesmo
que já foi estuprado duas ou três vezes
uma vez num táxi
uma menina novinha não tinha nem dezoito
e sabe que não foi bom?
a segunda foi uma amiga que trancou a porta
da casa dela e falou que de lá ele não saía
lembro que também não foi bom, ele diz
o carro dobra na rua estreita
de nome comprido
enfim chega ao lugar que será sua casa
o porteiro se chama adriano
foi cordial até você pedir ajuda com a mala
ele diz que não pode usar o elevador
é só para deficiente

mas você teria como me ajudar
a subir o lance de escada?
não posso, não faz parte
do meu serviço
é uma recepção bem estranha
você pensa enquanto carrega as malas
escada acima
ao abrir a porta
sente uma estranha felicidade
de estar num lugar tão novo
primeira locação
tinindo mesmo
tudo brilha
você tira as coisas da mala
liquidificador panela talheres
e pensa
seria difícil
alguém ficar deprimido
aqui
de repente é domingo à noite
e na rua augusta você sabe
que o primeiro dia
dura muitos porque você não
vai esquecer da chegada
o resto vai se amontoar nisso que se chama rotina
mas a chegada é lenta e você está
com os olhos muito abertos
sai para encontrar o ismar
que não vê há tanto tempo
dois anos talvez
ele está morando em curitiba
e o namorado atual é daqui
compra um colar novo
comem batata frita e em seguida um sanduíche

depois com medo de um homem
em frente à farmácia
corre para tomar o táxi
espremido pelo ônibus na paulista
a chegada ao trabalho no dia seguinte
é cheia de rostos novos
precisa se cadastrar na portaria
para fazer o crachá
o almoço é no japonês ali perto
o seu computador bem no meio
você de costas para quem entra
vai demorar até memorizar todos os nomes
na quinta volta para o rio
estava aprendendo a gostar daqui
a adaptação vai ser assim
toda picotada
não vai ter nada em tempo integral
quando se acostumar com uma cidade
já vai ser hora de voltar para a outra
não vai poder fazer compras pra valer
porque tudo estraga em quatro dias
leite talvez sirva em pó
não lembra se leite em pó é bom
criou uma espécie de carcaça
que talvez lhe dê um ar misterioso
tem aquele poema do pessoa que diz
na brecha do muro onde os outros
veem a sua casa
você deve botar as mais belas flores
e no lado onde ninguém vê
você deve deixar o mato e as flores
crescerem livremente
comprou um quimono
de presente para a amiga alice

que está grávida
ainda não sabem se é menino ou menina
mas sentem que é menino
vai nascer em uma ou duas semanas
alice fala que sente que o bebê
tem uma energia masculina
mas que ela própria
ou melhor elas duas
têm uma energia masculina
foi para a festa de mala
e ao chegar em são paulo
tomou chá de camomila no fim do fantástico
sem prestar muita atenção na televisão
desproporcionalmente grande
pensa que se não escrever
vai esquecer tudo
amanhã é segunda
decide anotar

1.2 QUARTA-FEIRA

nunca vi de dia
sei que viaja muito
só usa um par de sapatos
até gastar e precisar comprar um novo
a família é do interior
percebo pelo sotaque e pelas palavras
que volta e meia me confundem
sanduíche aqui se chama lanche
e sorvete de casquinha
é sorvete de massa
da janela de casa vê a praça
é muito tarde e as pessoas não se cansam
você tinha que ver no carnaval, ele diz
sei que gosta muito de rua
de ver as pessoas na rua
para dormir não há nada
como janelas antirruído
nunca vi alguém ter tanto medo
do fim, sofrer desse jeito
pelo fim de qualquer coisa
mas é claro que entendo bem
o que quer dizer com isso
e finjo que é um assunto vago, abstrato
quando acabar o mês me mudo
para um apartamento bem pequeno
que visitei à noite (não sei
como é com a luz do dia)
estamos sempre andando
de madrugada no centro de são paulo
as pedras portuguesas lembram o rio
antes de lembrarem lisboa
e é sempre muito tarde

e puxa vida, que semana, quanto trabalho
essas coisas que vocês dizem
e que aprendi a dizer também
não aprendi a chamar cidades que têm mar
de praia (as pessoas aqui passam o fim
de semana na praia)
você tem uma casa no lago
e fuma um cigarro chinês com filtro azul
que faz vista entre os chineses
eu não fumo mas vai saber
demorei a gostar daqui
até cansar de viajar
a parada do ônibus à noite
com luz fria e a televisão ligada no noticiário
ou o avião que toda vez
faz pensar em morrer
mas pensar em ter medo de morrer
é uma certa vaidade
e pensar que se morrer morreu
também é
a gente se conheceu no avião
era um domingo à noite e eu estava na dúvida
se o que tinha era medo de morrer
ou tristeza de deixar a minha casa
e quando o avião aterrissou
você perguntou onde eu morava
porque estávamos os dois
domingo passado
no mesmo voo
nas mesmas cadeiras
com o corredor no meio
e uma turbulência
fez os olhos esbarrarem

1.3 QUARTA-FEIRA

é uma fotografia bem grande
pendurada em frente à cama
granulada em preto e branco
não estou de frente para ela nesse momento
o quarto está apagado
não tem ninguém em casa
de longe imagino a fotografia no escuro
e o barulho que vem da rua
da praça sempre agitada
com os skatistas e as pessoas
rindo alto com garrafas na mão
não estou de frente mas posso dizer
que é uma fotografia bem grande
com duas mulheres de costas para a câmera

elas estão de costas para o fotógrafo
uma de camisa preta sem manga e outra
de cabelos curtos e lisos
e tomara-que-caia de bolinhas
cada uma leva uma criança
não dá pra dizer se são seus filhos
a de camisa preta puxa um menino
pela mão e a de bolinhas leva um bebê
no colo e há também uma criança
que demorei a identificar
porque está atrás e dela só se vê
uma mão pequenina e rechonchuda
talvez sejam duas mães
talvez uma mãe e uma amiga
duas irmãs duas primas
duas desconhecidas
talvez se detestem

não estou de frente não posso dizer
na fotografia elas estão de costas
as três crianças
incluindo a que demorei a notar
na moldura
você conta cinco pessoas
mas nenhum olho nenhuma boca ou nariz
os cinco estão indo para algum lugar
a paisagem é bucólica com montanhas
um dia claro sem nuvens
não há uma casa ou uma árvore frondosa
não há um carro ou um riacho
nem bicicletas
para onde vão essas mulheres
ligadas pelo sangue ou que acabaram
de se conhecer? talvez estejam voltando
para casa ou indo para casa
não há casa na moldura

agora está de noite
mas na fotografia é sempre dia
imagino que seja minas gerais
será que elas se dão? pode ser
que tenham se conhecido hoje
pode ser que o pai das três crianças
seja o mesmo
e uma delas seja a ex-mulher e a outra
a atual não tem como cravar
as duas estão de costas
é bem provável que estejam em minas
sul de minas
não há nenhuma placa ou sinal
mas reconheço pela curva das montanhas
estou chutando mas pode escrever

sul de minas
no escuro quando dormimos
na cama em frente ao quadro
gosto de pensar que as mulheres
nos guardam em sono profundo
elas estão de costas para nós
mas é possível que quando a luz se apague
elas se virem e nos estudem longamente
talvez tenham mais o que fazer
com certeza estão cansadas
ansiosas para chegar logo
seja lá para onde estão indo
não estou de frente para dizer
mas posso garantir que já olhei
por muito tempo horas até
sem entender se estão indo
ou voltando ou no meio
do caminho
para onde

mesmo de costas sei que estão
na faixa dos trinta
digo pelas escápulas
pela textura dos cabelos e da pele
pelas roupas
elas nem abrem mais a boca
estão sem assunto há horas
pensando bem nunca se gostaram
mas precisaram aprender a conviver
e agora convivem para sempre
na moldura

apesar dos ônibus que dão tantas voltas
e que dormem de madrugada na central

como besouros em silêncio
apesar dos dias que começam e terminam
sempre iguais e sempre tão diferentes
na praça dos skatistas e das pessoas
que riem alto com garrafas na mão
apesar da frente fria que chegou ontem
e da chuva que chega amanhã
e que vai despejar em um dia
o que não chove em um mês
apesar disso no sul de minas
nunca anoitece
e as duas nunca chegam
aonde quer que seja

não fica noite
os filhos não crescem
não passa carnaval nem réveillon
não surgem rugas nem fios brancos
as semanas se estendem e com elas
anos e décadas
as mulheres não trocam uma palavra
desaprenderam a língua materna
o bebê segue no colo sem emitir um som
as duas crianças não aprendem coisa nenhuma
não estou de frente nesse momento
mas posso dizer
estou envelhecendo
tenho quase certeza

1.4 QUARTA-FEIRA

escolho um canto na beirada do canteiro
em meio a garotos falando em espanhol
o olho é uma câmera ou uma antena
ou só um olho mesmo
para ficar invisível trato de não cruzar
o olhar com ninguém
e tento me camuflar
nessa noite de quarta-feira
na praça enquanto as pessoas
treinam seus truques de circo
bambolês à minha direita
malabares à frente
um equilibra uma bola na testa
outro planta bananeira
um rapaz vende pizza na mochila
aceita dinheiro ou cartão
um homem se aproxima com sotaque
diz que é da venezuela e pergunta meu nome
respondo maria
ele se chama antonio
conta que o pessoal ali da praça
mora numa ocupação
na rua do ouvidor 63
a maior da américa latina
um prédio de treze andares
e lá tem de tudo: atores e músicos
equilibristas e poetas
luthiers e escultores
você devia ir conhecer
uma menina bem novinha de casaco vermelho
corre entre as pessoas
e todas a chamam pelo nome

antonio me diz que clarice
mora na ocupação com a mãe
pergunto quantas crianças são
umas seis ele responde
você devia ir lá no sábado
tento ficar invisível mas ele pergunta
onde moro
respondo perto da praça
ele diz que se eu quiser posso ficar um pouco
uma noite uma semana tem gente
que fica um mês
eu estou há três, ele diz sorrindo
penso que é fácil mudar de vida
abandonar tudo e ir com o circo
aquele rapaz de bermuda preta
dança com o bambolê
como se o corpo fosse todo de cartilagem
já eu sentada na beirada
do canteiro tento passar despercebida
mas pesada como uma rocha pré-histórica
invejo a leveza do bambolê
que passeia pelo tronco
o rapaz de olhos fechados
numa espécie de transe
que vida leva não faço ideia
finjo contemplar a paisagem
mas olhar assim
diretamente e sem propósito
incomoda dá pra ver
penso em partir com o circo
se bem que em dez minutos aqueles rostos
virariam familiares
e o circo depois de uma noite
ou uma semana ou três meses

talvez se tornasse a vida normal
assim como o apartamento com chaleira
elétrica e o prato que você pechinhou
em uma viagem e o seu mesmo rosto
no espelho de manhã
antonio me diz para ir no sábado
na rua do ouvidor 63
e se eu quiser ficar lá
um dia uma semana três meses
o tempo que for
maria
está feito o convite

1.5 QUARTA-FEIRA

luis me recomenda trancar
a porta do quarto para dormir
a casa por algum motivo de dia
é grande mas de noite é ainda maior
quando chego
por onde passo
fecho as portas atrás de mim
que é para não me espalhar demais
para caber nesse cômodo
onde tudo esteja à vista
lá fora na praça
as pessoas não dormem nunca
fabricio escreveu que em são paulo
não faz noite pra valer
o céu nunca fica preto preto
tem noites mais pro rosa e noites
que puxam pro verde
e quando ele se mudou pra cá
não conseguia pregar o olho
com tanta claridade simplesmente
não conseguia
marília me diz que um bebê
de seis semanas
com dois milímetros já tem
um coração que bate e que aparece
como um ponto piscando nos exames
bruna tem tido muito sono
e a sorte é quando precisa
fazer ginástica à tarde
e tem que ficar de pé
depois do almoço
kammal da minha janela

ao ver a obra do teatro
que há muitos anos pegou fogo
o barulho incessante dos guindastes e tratores
diz que a terra aqui
é vermelha
mas no rio é de que cor?
no rio se você cavar fundo
só vai achar areia?
agora toda vez que olho
pela janela de manhã
repito sem me dar conta
a terra aqui
é vermelha

1.6 QUARTA-FEIRA

tem um poema de t.s. eliot que diz
o rio é dentro de nós
e o mar é o que fica em volta
as veias sobem e descem
num movimento que se pensar demais
arrisca parar de funcionar
as veias do meu avô não estão bombeando
a dose certa de oxigênio
mas o medo de escrever isso
é que se algo acontecer com ele o poema
vai virar uma espécie de maldição
semana que vem o bebê na barriga
completa cinco meses
os bebês na barriga quando se desenvolvem
passam por todas as etapas
da vida na terra
quer dizer começam como um grão um nada
quase um micróbio que o corpo da mãe
pode tentar expelir
como um ser estranho e perigoso
depois o embrião vira um invertebrado
um peixe nadando com cauda e sem pálpebras
até ganhar coluna vertebral
e feições humanas
se pensar bem até mesmo
o feto boiando no líquido amniótico
de certo modo imita
a forma gorda do planeta
agora está começando a esquentar
nos dias de verão a praça fica cheia
quarta-feira é dia de circo
assisto da janela

a mão esquecida
apoiada na barriga

1.7 QUARTA-FEIRA

sheila heti diz que só se tem
liberdade total na escrita
na vida não podemos ser sinceros quase nunca
nem com quem consideramos íntimos
pensando bem muito menos com eles
uma frase pode pôr tudo a perder
você estragou tudo
você sempre faz isso
chamam isso de comunicação não violenta
evitar certas palavras como não nunca jamais sempre
minha irmã fala que vai educar o filho assim
não dizer não brinque com isso
e no lugar dizer brinque com aquilo
ser totalmente sincera: não faço ideia
como se faz isso
não sei se já fiz na vida
e agora essa me parece
a única maneira de escrever
para que escrever se não for totalmente sincera?
no livro sheila diz que era uma criança
desesperada por atenção
desamparada e sem jeito
e a mãe
séria e distante
nunca estava disponível
quando conversou com a mãe anos mais tarde
na dúvida se ela própria deveria ou não se tornar mãe
a mãe respondeu que perdeu tempo
prestando atenção nas coisas erradas
pensei na coragem de expor a mãe desse jeito
a vergonha de ler num livro
o atestado de que você não fez o seu melhor

pensei na audácia de escrever
coisas assim sem se vitimar
ou lambar as próprias feridas
sem se justificar ou pedir a comiseração do outro
escrever prestando atenção nas coisas certas
não sei se consigo

1.8 QUARTA-FEIRA

é quarta-feira na casa da bruna
da janela o sol vai se pôr
bem longe e espalhar o laranja entre os prédios
bruna passa o café e ouve dolores duran
diz que não importa se o que está no livro
aconteceu ou não
se a mãe foi negligente
isso é só uma curiosidade
como bisbilhotar a vida alheia
natalia ginzburg escreve que a beleza poética
é uma mistura de crueldade, soberba, ironia
ternura carnal, fantasia e memória
clareza e obscuridade
e que se o escritor não conseguir chegar a esse lugar
nessa confluência tão difícil e tão frágil
qualquer coisa que disser será pobre
medíocre mesmo
natalia diz que até então nunca
tinha passado por nada
verdadeiramente grave
nenhum episódio de morte ou solidão
traição ou doença
nada em sua vida até então
havia desmoronado
a felicidade
era plena e consistente

1.9 QUARTA-FEIRA

decidiu ter filho
quando nasceu seu sobrinho
um parto perigoso e arriscado
que terminou nas mãos de um plantonista
às pressas num domingo
eram onze e quarenta da noite
a maternidade vazia
longos corredores de luz fria
e só vocês ali
o plantonista repetia irritado
se der errado a culpa não é minha
sua irmã enrolada numa manta laranja
da ibéria no carro grunhia
depois de dois dias de dor vocês
passaram por uma avenida ampla
ladeada por árvores compridas
o carro cortava a noite suavemente
para não machucar a sua irmã
curitiba era uma cidade fantasma
todos os outros deviam estar em casa
largados no sofá
depois do almoço de família
então vieram os longos minutos de espera
você sozinha no vidro do berçário
enquanto a televisão pendurada
acima da porta da sala de cirurgia
passava a edição especial do fantástico
era dia das mães

1.10 QUARTA-FEIRA

uma noite para não esquecer
tudo apagado no quarto
o bebê e vocês fingindo dormir
uma mistura de vigília e curiosidade e euforia
paul auster conta que uma vez
levou o filho ao cinema
o menino tinha três anos e estava obcecado
pelo super-homem
foram então pai e filho
com um enorme saco de pipoca
ver o chamado espaço sideral
com todas suas naves e seus planetas
e seus efeitos especiais
eis que para a surpresa do pai
o menino passou a primeira metade
compenetrado no filme
mas de uma hora pra outra
o super-homem começou a voar
e aquilo mexeu de tal maneira com o filho
que no auge do êxtase e do fascínio e da aflição também
pediu exausto para ir embora
antes de o filme terminar
na saída do cinema eles se depararam
com uma chuva de granizo
e o pai protegeu o filho
correndo em direção ao táxi
o menino então disse ao pai
esta noite
foi uma noite
de muita aventura

1.11 QUARTA-FEIRA

paul auster repete uma frase
de pascal que diz
toda a infelicidade do homem decorre
de uma só coisa: ser incapaz
de ficar sossegado no seu próprio quarto
isso vale para os escritores
mas não só para eles
shackleton por exemplo
queria fazer fortuna
e para isso tinha muitos planos
fabricar cigarros
abrir uma frota de táxis
inaugurar uma fábrica de subprodutos da baleia
procurar minas na bulgária
buscar tesouros enterrados
shackleton era uma pessoa que não queria
por nada nesse mundo
ter uma vida
medíocre
certamente se entediava com facilidade
precisava de algo insólito
que lhe desse sentido
algo improvável que pudesse
até ser considerado lunático
surreal quem dirá
irresponsável

1.12 QUARTA-FEIRA

shackleton já tinha ido para a antártida
mas a missão agora era liderar uma expedição
que cruzaria o polo sul saindo da américa latina
com o barco endurance
a trupe caminharia até a outra ponta
perto da nova zelândia
onde outro barco, aurora
carregado de mantimentos
estaria à espera
naquela época
os homens que se aventuravam
e corriam risco de morte
em ambientes inóspitos e desconhecidos
eram considerados grandes heróis
isso antes da primeira guerra
quando as trincheiras roubaram a cena
e os heróis passaram a ser homens comuns
que lutavam e morriam
ou sobreviviam
perto de casa

mas shackleton
quando se decidiu sobre a missão
de cruzar o polo sul a pé
já era
um homem do passado
os ingleses entraram em guerra
em julho de mil novecentos e quatorze
justo quando shackleton e seus homens
deixaram o porto rumo à argentina
uma expedição que já não tinha o menor cabimento
mas eles foram mesmo assim

o endurance ficou preso no gelo
e depois foi esmagado
logo na chegada
e isso obrigou a tripulação
a abandonar os planos

diante do imprevisto
diante do pedido desesperado de socorro
churchill respondeu que enquanto houvesse fome
e feridos e hospitais cheios e casas destruídas
na inglaterra
ele não daria um centavo
para ajudar os pinguins

1.13 QUARTA-FEIRA

no navio endurance concentrei
minhas ambições, esperanças e desejos
escreveu shackleton
o homem que sobreviveu ao naufrágio
mas que não virou herói
por não ter conseguido completar sua missão
pelo contrário melhor teria sido
não resistir e padecer
como um aventureiro
que tentou de tudo

na volta para casa shackleton por contrato
precisou dar palestras duas vezes ao dia
entre dezembro de mil novecentos e dezanove
e maio do ano seguinte
mostrando a uma plateia minguada e sonolenta
onde foi que falhou
a humilhação de mostrar as imagens
e repetir à exaustão
vejam só
foi aqui

1.14 QUARTA-FEIRA

falhar bravamente é melhor
que falhar covardemente?
errar feio é mais digno que errar bonito?
shackleton por pouco
escapou de se tornar anacrônico
um homem destemido e admirável à moda antiga
ou um homem alheio às preocupações
de seu tempo

em mil novecentos e vinte e um
voltou com um novo plano
agora queria circum-navegar a antártida
logo no início da viagem shackleton se deu conta
de que não sabia bem
o que deviam fazer na sequência
era um líder preocupado e gentil
com sua tripulação
mas um explorador um pouco cansado é provável
shackleton morreu em cinco de janeiro
de vinte e dois
o coração parou de bater
durante a viagem
que se tornou sua despedida
uma expedição fúnebre

a pedido de sua mulher
shackleton foi enterrado
na isolada ilha geórgia do sul
um homem sem tino para os negócios
que deixou dívidas para a família
e quase um século mais tarde
passaria a ser lembrado

como um nome de grandes feitos
um verdadeiro herói
capaz de conduzir sua tripulação
por um dos lugares mais hostis do planeta
e trazer todos vivos
de volta para casa

1.15 QUARTA-FEIRA

dizem que shackleton publicou
nos jornais um anúncio
e recebeu mais de cinco mil respostas
interessadas em sua oferta
procuram-se homens
para jornada arriscada
baixa remuneração
temperaturas geladas
longos meses na completa escuridão
perigo constante
retorno a salvo duvidoso
honra e reconhecimento
em caso de sucesso

1.16 QUARTA-FEIRA

partir exige coragem
não partir exige também
sheila heti escolhe não ser mãe
e escreve um livro para atravessar
o período fértil, chegar aos quarenta
e dizer: agora não posso mais
a vida decidiu por mim
ela explica que seu livro é uma espécie de barco
capaz de levar à outra margem
quer que sua vida não seja
resumida como uma negativa
ser uma não-mãe
teria uma palavra para isso?
assim como existe uma palavra
para não partir: ficar

1.17 QUARTA-FEIRA

imagino a ampla zona de silêncio
os meses que os homens atravessaram
no inverno sem sol
depois que o navio se prendeu no gelo
alojado como uma amêndoa
numa barra de chocolate
sair de casa em busca de um desafio
é diferente de o desafio bater
na porta da sua casa

por exemplo pripyat
a pequena cidade na ucrânia
que diante da tragédia da usina nuclear
em abril de mil novecentos e oitenta e seis
perdeu todos os seus moradores
em apenas três dias
mesmo sem entenderem o que se passava
os jovens e os velhos
os camponeses que não conheciam
outra vida além daquela
precisaram deixar tudo
como estava
depois vocês voltam para buscar
a cama e as fotografias
a louça e o relógio da cozinha
os animais domésticos
carreguem apenas
o que couber na mala

1.18 QUARTA-FEIRA

quando a sua mãe saiu
do centro cirúrgico
de roupa verde
com um pequeno pé carimbado no antebraço
e no colo um bebê que chorava
você pensou a partir de agora
preciso aprender a prestar atenção
nas coisas certas
poucos meses depois
achava um tanto inconveniente
que qualquer um na rua
soubesse o que se passava com você
a gravidez é um segredo mal guardado
o umbigo pulando para fora no vestido
e os pés que já não cabiam em sapato nenhum
arrumar as roupas do bebê no armário
e mesmo dar um nome a ele
tudo parecia um pouco precipitado
como comemorar a vitória antes da hora
quando foi a sua vez de entrar
no centro cirúrgico
achou que o berço de acrílico
a etiqueta colada com o número do quarto
ao lado da cama
a ansiedade disfarçada de bravura
os embrulhos os sacos verdes de fralda o quadro
com o nome pendurado na porta
o carrinho já a postos em casa
os lençóis com gaivotas bordadas à mão
tudo um pouco precipitado

1.19 QUARTA-FEIRA

decidiu ter filho
quando soube da morte do amigo
a partir desse momento passou
a ver o amigo quase todos os dias na rua
ontem um pouco mais moreno
hoje mais atarracado
semana passada era um homem
de negócios na faria lima
de calça cáqui e camisa azul e crachá
na última vez que foi a ipanema viu também
estava um pouco mais gordo de short amarelo
provavelmente não usaria aquele short
mas era ele
quando soube da notícia precisou
avisar aos amigos
sentou na escada de incêndio do escritório
e telefonou um a um
eram seis da tarde
estavam todos indo embora

1.20 QUARTA-FEIRA

svetlana aleksiévitch conta as histórias
de quem viveu a tragédia nuclear
de chernobil de perto
entre eles há uma mulher
que teve uma filha
diferente dos outros bebês
a filha era como um saquinho vivo costurado
sem uma fenda sequer
com apenas dois olhos arregalados
crianças como ela não resistem
mas ela sobreviveu segundo a mãe
porque foi muito amada
os bebês feios e os bebês magros
correm mais risco sobretudo
quando não sorriem
o sorriso é uma técnica de sobrevivência
a mulher quer saber como vai contar à filha
que ela não poderá levar uma vida normal
que ela não será como todo mundo
diz que hoje quando olha para mulheres grávidas
olha só de relance
confusa entre o assombro e o horror
a inveja e a alegria
e até uma ponta de vingança

1.21 QUARTA-FEIRA

hoje foi a primeira vez
que tentamos dar comida ao nicolau
ele primeiro olhou curioso
experimentou a banana e sacudiu a cabeça
depois caiu no choro
e custou a recuperar o humor
quando vejo tanta gente na rua
de pé andando e conversando penso
quantas etapas levam uma pessoa
a chegar a esse nível tão elementar
e ao mesmo tempo tão avançado
quanto cuidado é preciso
dedicar a um bebê
para que ele fique de pé
o leite da mãe é produzido junto com o feto
e por isso cada bebê quando gerado
gera consigo seu próprio leite
ou seja mesmo que uma mãe tenha oito filhos
cada leite será diferente
lembro quando o leite desceu
cinco dias depois do parto
uma usina ativada
de uma hora para a outra
a todo vapor

1.22 QUARTA-FEIRA

os medos dependem da idade
mas também da classe social e da origem
medo de mosquito da dengue por exemplo
é um medo recente

rivane neuenschwander coleciona medos
de crianças cariocas
e percebe que alguns
são recorrentes entre os menores
como de insetos e de répteis e de animais
selvagens ou inventados
e que os medos das crianças um pouco mais velhas
já são mais elaborados
como medo de ficar só ou de ser
esquecido ou de os pais morrerem
ou se separarem

numa cidade como o rio
é natural que o medo seja de violência
de tiro e bandido e polícia
de estupro e assassinato

há medos que vêm de dentro
e outros que nos ensinam a ter
um palhaço assustador que apareceu na tevê
a foto de um tubarão com três mil dentes
a escuridão do espaço sideral

aprender a dar nome ao medo
não afugenta o medo mas talvez ajude
a conviver com ele
melhor seria afastar o perigo

ou aprender a vigiá-lo de perto?

1.23 QUARTA-FEIRA

a verdade é que a gente nunca
consegue antever as tragédias
e por isso os medos talvez não sirvam
pra muita coisa
exemplo disso é a Rússia
que sempre preparou o seu povo
para a guerra mas eis que naquela noite
em abril de mil novecentos e oitenta e seis
as pessoas de Pripyat saíram de suas casas
para assistir da ponte às luzes azuis
que vinham da usina
sem saber o mal que a radiação poderia causar
sem imaginar o perigo iminente
ao contrário naquela madrugada eles achavam
que as luzes eram motivo de festa
espécie de réveillon fora de hora

todos os que estavam na ponte
morreriam em pouco tempo
ninguém ali temia a radiação
um povo acostumado a se preparar
para combater o inimigo
não podia supor
que as autoridades sabiam
o que se passava
mas com medo de perder a força
o crédito o poder seu lugar
com medo de desmoronar completamente
preferiram não contar a verdade
foi uma proteção às avessas
o inimigo não era quem esperavam

1.24 QUARTA-FEIRA

foram muitos anos de pesquisa
até marie e pierre curie
descobrirem o polônio
uma substância cento e cinquenta vezes
mais poderosa que o urânio
que quanto mais purificada
mais radioativa fica
isso foi em mil oitocentos e noventa e oito
em um laboratório improvisado
que mais parecia um celeiro
lá marie passava os dias feito uma bruxa
cozinando com um enorme bastão de ferro
uma massa em ebulição
fumegando em duas panelas
sobre um fogão que não funcionava
muito bem
mais tarde ao procurarem compreender
se essa substância existia na natureza
ou se precisava ser produzida no laboratório
descobriram o rádio
que era novecentas vezes
mais radioativo que o urânio
até então não sabiam direito
com o que estavam lidando
pelo contrário marie e pierre
fascinados pela descoberta
luminosa e fluorescente
carregavam amostras de rádio no bolso
e guardavam a substância na cabeceira da cama
uma pequena fonte de luz azulada
espécie de amuleto ou troféu
e mesmo que estivessem o tempo todo exaustos

visivelmente envelhecidos
com a saúde já um tanto prejudicada
a descoberta era de encher os olhos
até então eles não suspeitavam
que o rádio pudesse ser
uma ameaça
a beleza é um risco aceso

1.25 QUARTA-FEIRA

quando tinha treze anos
entrou na cachoeira
a água gelada
a correnteza forte
o fundo não dava pra ver bem
você queria mostrar
que estava tudo sob controle
queria provar o tempo todo
que não tinha medo
nadou até o outro lado
e entrou num buraco na pedra
onde havia uma queda d'água
vejam só
venham também
quando sua amiga encheu o peito
de coragem
nadou até a pedra
e entrou no buraco
as outras assistiam de longe
encolhidas de frio com os biquínis secos
foi então que uma lata de alumínio
entre as pedras
cortou fundo a sola do pé da sua amiga
o sangue só parava de jorrar
dentro da água
cor de coca-cola
o medo é teimoso
não sossega até receber uma resposta
a beleza nem sempre mete medo
mas o medo
previne e paralisa
não deixa você pisar

onde não pode ver
o fundo

1.26 QUARTA-FEIRA

de manhã bem cedo fomos tomar
sol na praça
e uma senhora com o labrador
que sempre tem algo a dizer disse
você não devia sair sem meias
está muito frio para o menino
ficar fora de casa
da outra vez ela disse
que ele estava um pouco amarelo
deve ser icterícia
era a primeira vez que saíamos de casa
e o médico mais tarde
confirmou o diagnóstico
a um filho não se deve
ensinar a não ter medo
a um filho se deve ensinar
a ter os medos certos
a não derrapar na borda da piscina
a não se esgueirar na janela
a não ficar obcecado de paixão
a não dirigir embriagado
a não perder o fio da meada
a um filho se deve ensinar
que o medo em alguns casos pode ser
chamado de cautela
que o medo em alguns casos
pode inspirar coragem
e quase nada
é mais bonito que coragem

1.27 QUARTA-FEIRA

emilio conta que até então
gostava muito de viajar
e passar longas temporadas
longe de tudo
em uma cidadezinha
sem luz no interior do piauí
teve aquela vez
que ficou um mês em caraíva
fora da estação
sem contato com são paulo
por esse período era como se sumisse
mas depois que sua mãe morreu
viajar ficou meio sem sentido
como se antes ele soubesse
que mesmo distante
alguém estava do lado de cá
e agora era como se o elo
tivesse se perdido
e a solidão
virasse outra coisa
isso talvez tenha a ver
com envelhecer
antes o que era a liberdade radical
de ser um completo anônimo
se transformasse na indiferença
a solidão de não ter mais mãe
mesmo dormindo mesmo tão longe
mesmo sem contato
mesmo em silêncio

1.28 QUARTA-FEIRA

dia vinte e dois de dezembro
depois do almoço de natal antecipado
meu avô morreu
não era a primeira vez
e nem seria a última
chegou ao hospital de ambulância
ficamos esperando no saguão da uti
era muito tarde e o médico nos chamaria
na hora certa
meu avô nu na cama com uma fralda geriátrica
que mal o cobria
era um bicho muito grande
talvez um hipopótamo ou quem sabe
um dinossauro
mas quando tremia todo
sobre o leito mais parecia
um canário ou outro animal
de pulmão estreito
como se todo o oxigênio
que entrasse fosse exagerado
no peito de um bicho
pequeno e frágil
que caberia
numa mão fechada
meu avô dias depois
aos poucos foi se recompondo
era um processo longo e delicado
os médicos chamaram a família para uma sala
disseram para nos acostumarmos
com a ideia
meu avô depois de arrancar
os tubos de oxigênio

e causar espanto nas enfermeiras
pediu que a gente
deixasse ele morrer
olhou fundo nos meus olhos
quando estávamos sozinhos e pediu
por favor
o fato é que não foi dessa vez
estou de frente para ele
sentado no sofá de casa
observando meu filho com onze meses
que tenta dar os primeiros passos
apoiado na bengala
já está na hora de almoçar
me ajude a ir até a mesa
por favor

2. SEGUNDO TEMPO

2.1 HOJE

Estamos em quarentena há um mês e duas semanas. Acabo de corrigir: tinha escrito um ano e dois meses, sem querer. Todo dia acordamos e olhamos pela janela da sala. Lá embaixo fica a Praça Roosevelt, conhecida pela boemia, pelos skatistas, pelos cachorros. É uma praça muito movimentada, ou pelo menos costumava ser. Continua, na verdade, para a minha surpresa.

Olhamos a praça como se estivéssemos assistindo à televisão ou observando um aquário. Poderia ser outro dia, um filme, um programa gravado. O vidro entre nós e a praça nos separa não só fisicamente, mas faz com que ela pareça uma realidade distante, o passado a céu aberto. Como se não fosse ao vivo, como se estivesse fora de sincronia. A praça está lá, com os skatistas, as pessoas que levam os cachorros para passear, as pessoas que saem para se exercitar. Muitos agora usam máscara.

A gente não sai por nada. De uma hora para outra, temos medo de tudo. Medo de encontrar alguém, de ver gente. Espirrar ou tossir virou a maior ameaça. Vejo muitos gestos solidários, colaboramos também, mas é uma generosidade distante, através do vidro. De repente passamos a ter medo da proximidade, de nos contaminar ou contaminar os outros. E o outro pode ser um desconhecido, mas também a sua avó, as suas tias. Todos viraram um risco, nós também.

O celular me cansa. Não consigo ler ou assistir a quase nada que não tenha relação direta com trabalho, pandemia ou política. Qualquer outro assunto parece pequeno ou fora de contexto. Ler um livro demanda uma concentração impossível. O celular traz as notícias, o alô dos seus avós, dos amigos, mas tenho perdido muito tempo com o olhar fixo nessa caixa de luz, sendo improdutiva, como se tudo exigisse muito esforço.

Mas nesses dias consegui engatar uma leitura. É um livro de memórias chamado *Os anos*, de uma francesa que ainda está viva, Annie Ernaux. Ela fala sobre o pós-guerra, tema que passou a ter algum paralelo, guardadas as proporções, com os dias de hoje. Ela conta, por exemplo, da época em que tinha “todo o tempo do mundo para desejar as coisas” (ERNAUX, 2019, p. 38): um estojo, um relógio, um par de

sapatos com sola de borracha. Conta da penúria em que vivia, que tudo o que sua família tinha havia sido comprado antes da guerra. Diz que os objetos eram todos reutilizados, os cadernos, os livros da escola. Lembra como os eletrodomésticos passaram a ganhar novas características, quase como vilões: a tv prejudicava a visão e fazia dormir tarde. A máquina de lavar destruía as roupas. As comidas enlatadas faziam um enorme sucesso: as peras em calda eram muito mais saborosas do que as colhidas no quintal. Eram os sinais do progresso.

O livro fala muito sobre o tempo, “pertencer ao seu tempo”. O tempo das coisas, dos alimentos, dos objetos. Tudo deveria durar, nada era jogado fora.

Annie fala também do medo do desconhecido, “pois quando nunca saímos de casa qualquer cidade é o fim do mundo” (ibid, p. 29). Lembrei da praça na nossa frente, que observamos com a diligência de um soldado. Controlamos tudo, cada movimento suspeito, cada som diferente, a sirene da polícia falando que é preciso lavar as mãos com água e sabão, as pessoas que seguem se encontrando. Os moradores de rua. Os cachorros que reconhecemos pelo nome. Os entregadores de bicicleta com as mochilas cor de neon. Os velhinhos caminhando com determinação, vestindo roupa de ginástica.

Nossa atenção não serve para nada.

O prédio está em obras. Estão reformando a fachada. Isso dá um aspecto ainda mais surreal para a situação: um véu fino cobre a janela, como se o nosso prédio também estivesse de máscara, protegido. Às vezes o vento levanta um pouco o véu e vemos o céu descoberto, só uma parte, e aquilo parece um pouco obscuro, como se estivesse à mostra *demais*.

Moramos no nono andar. Durante o dia, homens suspensos por cabos de aço sobem e descem, param em frente à nossa janela. Passam o esfregão, colam novas pastilhas, pintam o rejunte de branco. Entra poeira pelo vidro, a sala fica cheia de pó branco. Eles vão para cima e para baixo. Você olha meio surpreso, mas também já um pouco acostumado. Aponta, quer chegar perto. Caminhamos até a janela, você continua apontando. Os homens às vezes dão tchau, outras continuam

concentrados em seu trabalho. Um dia desses, um deles espirrou e estávamos com a janela aberta. Tive todos os sintomas de noite.

A essa altura, talvez você ache que a vida é isso. Ficar dentro de casa, seus pais se revezando para cuidar de você, o sol começando o dia na janela da cozinha e morrendo na janela da sala. Você lembra quando a gente saía, à tarde, de carrinho, cruzava a praça e a avenida Consolação, ia até o parque? Lá havia vários outros bebês, com as babás ou as mães, poucos pais, brincando no escorrega, no balanço, no tanque de areia. Depois voltávamos para casa, sempre a pé, cruzando a avenida Consolação e a praça. Desviávamos dos skates, dos cachorros. Você apontava para tudo. O dia já estaria no fim, seu pai chegaria na hora do jantar, daríamos o seu banho e você dormiria. No dia seguinte, o café da manhã seria às pressas, eu sempre atrasada para o trabalho.

Parece que faz muito tempo. Você ainda não sabia andar. Eu não tinha medo de quase nada. Talvez de violência, mas só à noite. É estranho dizer isso, mas me sentia protegida quando passeávamos na rua. O carrinho, você ali, eu pensava que ninguém seria capaz.

Escrevi esses poemas em outro momento. Estava de mudança para São Paulo, como uma caipira que chega sozinha, só com as malas, numa cidade grande. Esses poemas falam sobre essa chegada, minha adaptação, um certo prazer em estar sempre um pouco descontente com tudo, sempre cansada, ocupada demais, sem tempo para nada. Pensando agora, acho que é uma sensação muito cultivada pelos adultos, como sinal de progresso. Feito a comida enlatada. Uma vida corrida, atribulada, um medo terrível de parar um minuto, de ficar à toa.

Escrevia sem saber se tinha algo para contar. Cada vez mais acho que escrever poesia tem a ver com a juventude, com alguma ingenuidade. É uma mistura exata, muito sutil, de nenhuma pretensão com toda pretensão.

Quando comecei a escrever esses poemas, eu queria registrar em detalhes o dia da chegada, a conversa com o taxista no trajeto entre o aeroporto e minha nova casa, um flat a seis minutos a pé do trabalho. Primeira locação. Era um domingo azul,

como hoje, quinta-feira, e pensei que ia ser difícil alguém ficar triste num lugar tão novo, de chão brilhante, zero quilômetro.

Queria escrever sobre os paulistas, sobre as expressões que são tão diferentes no Rio e aqui, as músicas que têm pequenas variações, como o “parabéns pra você”, certos cacoetes, modos de falar. Queria contar sobre a vida movimentada, sem perceber uma falsa auto-importância nisso: durante um ano inteiro, viajei ao Rio todas as semanas, sem exceção. No primeiro semestre, pegava o voo na quinta à noite para passar a sexta inteira na PUC, onde assistia às aulas do doutorado, e voltava domingo à noite. No segundo semestre, ia para o Rio na terça-feira na hora do almoço. Minha aula era à tarde. Voltava no primeiro voo de quarta-feira, às sete da manhã. Num desses voos conheci o seu pai.

Queria escrever sobre quando me mudei para a Praça Roosevelt, para o apartamento onde o seu pai já morava. Queria contar sobre o movimento da praça, a impressionante variedade, pessoas muito diferentes do que eu estava acostumada a ver no Rio. Crianças entrando na escola, travestis caminhando com o cachorro de manhã, uma moradora de rua que tira a roupa na calçada às três da tarde, pessoas que vivem em uma ocupação e treinam truques de circo todas as quartas à noite, skatistas, ladrões de bicicleta, jovens estilosos, solteiros rindo no bar. Nunca pensei em morar num lugar com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, o tempo todo.

Queria escrever sobre uma foto que o seu pai comprou assim que começamos a namorar, de um fotógrafo chamado Mauro Restiffe. Ela fica pendurada no nosso quarto, em frente à cama. É uma foto grande, em preto e branco, com duas mulheres de costas e três crianças. A atmosfera é plácida, bucólica, mas alguma coisa ali guarda um mistério, já que estão todos de costas para a câmera, e você fica sem saber se elas estão caminhando tranquilamente numa serra ou fugindo de alguma coisa. Escrevi esse poema quando ainda não morava aqui. Estava no meu segundo apartamento em São Paulo, à noite, tentando descrever a foto sem estar diante dela. Procurei lembrar o que tinha chamado a minha atenção, a relação entre essas duas mulheres e o fato de que aquelas duas crianças e o bebê não iam envelhecer nunca, não na fotografia.

Queria escrever sobre a sua gestação, sobre o que estava acontecendo no nosso entorno, a obra do teatro ao lado do prédio, uma obra que durou todos os nove meses, o bate-estaca. A gente mal conseguia se ouvir dentro de casa. Queria falar sobre as coisas que lia e pensava, sobre como é curioso um feto encenar o início da vida na Terra: começa como se fosse uma bactéria, que pode ser expelida pelo corpo da mãe, sobretudo nas primeiras semanas, até ganhar uma cauda, a espinha vertebral, como um bicho pré-histórico. E tudo isso dentro da barriga, que imita a forma redonda do planeta.

Queria escrever sobre as transformações do corpo, os medos que tive, a ansiedade, a surpresa de constatar que o corpo era capaz de produzir outra vida, com dois corações batendo em ritmos diferentes. Não foi uma gravidez fácil. Fiquei apavorada, principalmente no fim. Nas últimas semanas, minha barriga aumentou demais e a pele ficou esgarçada. As pessoas na rua perguntavam se eram gêmeos, e isso começou a me deixar exausta. Parei de sair de casa e fiquei esperando você chegar, como se eu estivesse no portão de desembarque e o seu voo estivesse atrasado, sem previsão. Você custou a nascer.

Todos os poemas se chamam quarta-feira. Era uma brincadeira. Mal sabia que durante a pandemia, aí sim, todos os dias seriam o mesmo. Não era sempre quarta-feira nos poemas. Mas, já que em determinado momento assumi que era um diário performado, achei que não faria diferença dizer o mês, o dia, se fazia tempo bom ou não. Quarta-feira parecia um dia qualquer, sem a carga de uma segunda ou o otimismo de uma sexta. Quarta-feira é o dia em que o pessoal que mora na ocupação vem treinar os exercícios de circo na praça. É, ou era, o dia da semana mais festivo aqui.

A Annie Ernaux em algum momento fala sobre todos os desejos reprimidos que, logo depois da Libertação, deveriam ser realizados imediatamente. Todos foram para as ruas, para o parque de diversões, para os desfiles, para as procissões. Multidões se reuniam, tudo era coletivo, os ônibus lotados voltando da praia no fim do dia, todos cantando, as meninas com os maiôs ainda molhados, os meninos pendurados no bagageiro. (ERNAUX, 2019, p. 22)

A principal diferença da guerra para o que estamos vivendo agora, acho, é que não teremos essa mudança radical. Esse momento de dizer: agora está tudo liberado, vamos retomar de onde paramos. Depois de tanto tempo, dificilmente vamos abraçar os amigos, que dirá os desconhecidos, fazer festa. Ainda vamos conviver com medo dos outros por muito tempo.

Queria falar também sobre o fracasso e o sucesso, como dependem do ponto de vista. Sobre o medo e a coragem, como também dependem do ponto de vista. Por isso pensei em Shackleton e na sua vontade de se lançar em uma missão sem pé nem cabeça para a Antártida, porque isso poderia lhe render a glória.

Para fazer fortuna, ele pensou em abrir uma frota de táxis, procurar minas na Bulgária e fabricar cigarro, entre outros planos. Terminou por liderar duas expedições à Antártida. A primeira, e mais importante, ocorreu em 1914 e tinha como objetivo cruzar a pé o continente, tarefa que até então nunca havia sido realizada. O navio afundou antes mesmo de a tripulação alcançar o continente antártico e dar início à missão.

Com o passar dos anos, porém, o fracasso da viagem se transformou em triunfo. Apesar de ter morrido endividado, Shackleton décadas mais tarde seria lembrado como herói nacional, líder exemplar, capaz de contornar as adversidades e aprender a improvisar. Ele conseguiu trazer todos da tripulação vivos de volta para casa, e esse feito passou a ser visto como notável – muito mais notável, é provável, do que sua missão original.

Talvez não fosse exatamente esse o reconhecimento que ele buscava. Certamente o motivo que o consagrou não tinha nenhuma relação com o seu propósito original. Mas é impressionante pensar como a percepção que se tinha sobre o Shackleton mudou de forma tão radical ao longo do tempo.

Durante toda a viagem, Shackleton manteve um diário em que esmiuçava suas expectativas e frustrações, seus temores e anseios, as mudanças meteorológicas, os avanços da expedição, os percalços, cada decisão tomada. E também os dias em que nada acontecia.

Pensei em Chernobil, nas pessoas assistindo da ponte ao que pareciam ser fogos de artifício, uma festa surpresa, mas que na verdade era a explosão da usina. A população inteira de uma pequena cidade que precisou deixar – para sempre – suas casas da noite para o dia, sem entender, e sem acreditar, que havia no ar algo invisível, letal.

Sobre o que estamos vivendo agora, é difícil prever o que vem depois. Não será como o fim da guerra, as pessoas festejando nas ruas. Esses poemas já estão datados, falam de uma vida que em pouco tempo parece muito antiga. Na quarentena, você aprendeu a andar, e está caminhando com cada vez mais firmeza. Gosta de brincar com utensílios da cozinha, de ler a historinha de um cachorro que dança balé e de uma baleia estampada que virou estrela de cinema. Gosta de comer uva passa e já é capaz de pegar a comida sozinho e levar à boca. Você ainda não fala nada, nem “mamãe”.

2.2 HOJE

Esses poemas começaram a ser escritos em setembro de 2016. Nasceram da tentativa de refletir sobre a minha mudança para São Paulo. Escrevê-los foi um

exercício de registrar a adaptação em uma nova cidade, um novo emprego, com novas pessoas, uma vida diferente da que eu tinha.

Julio Jamon Ribeyro, no diário que manteve aos 24 anos, quando vivia em Paris, escreveu:

Todo diário íntimo surge de um sentimento agudo de culpa. É como se quiséssemos depositar nele muitas coisas que nos atormentam, e cujo peso se atenua pelo simples fato de confiá-las a um caderno. [...] Todo diário íntimo é também um prodígio de hipocrisia. [...] As páginas ficam cheias de alusão, de um simbolismo pessoal, como se quisessem promover um jogo de adivinhação. [...] Todo diário íntimo se escreve a partir da perspectiva temporária da morte. (RIBEYRO, 2016, p. 141)

Fico na dúvida se podemos chamar esse conjunto de diário. Uma vez escritos os primeiros poemas, quando pensei que esse material poderia vir a ser mostrado para alguém, como uma espécie de diário aberto, ficou evidente a contradição. São poemas que não pretendem documentar efetivamente a vida real, os fatos realmente importantes. A partir do momento em que sei que eles serão lidos, a intimidade vira outra coisa. A solidão é encenada, cheia de alusões e simbolismos.

A própria ideia de “vida real”, é claro, entra em jogo: como escreve Pierre Bourdieu em “A ilusão biográfica”, uma vida não é uma sucessão linear e cronológica de eventos, uma trajetória que evolui e se encaminha para um determinado fim. A conexão entre os acontecimentos nem sempre é clara, nem lógica, e qualquer tentativa de mostrar um encadeamento é artificial, uma recriação narrativa.

2.3 HOJE

Você ontem falou a primeira palavra: “aqui”. É uma palavra curiosa para um bebê que aprendeu a andar dentro de casa e que, fazendo as contas, passou um quarto da vida dentro de um apartamento. Fico pensando em como deve ser crescer com esse

ponto de vista do nono andar, olhando para a praça, lá embaixo, como se estivéssemos permanentemente dentro de um avião, sem nunca aterrissar.

Estamos em quarentena há pouco mais de três meses. Precisei recuperar uma foto antiga no celular e perdi horas olhando os registros de uma vida que já parece muito distante. A gente almoçava na rua, viajava para o Rio e encontrava os seus avós. Ia à praia a pé, atravessando a Lagoa Barra. A ideia de pegar um avião para passar dois dias e voltar parece, hoje, uma alucinação.

Comprei um livro de poemas do Lawrence Ferlinghetti. Abro a esmo e dou de cara com um poema, “Confissão sincera”, em tradução de Nelson Ascher, que diz assim:

“e havia um outro mundo/ atrás das telas luminosas/ Bastava eu fechar os olhos/ para que um outro mundo aparecesse/ bem do meu lado e bem amado/ demais para não ser eu mesmo/ meu eu de dentro/ onde tudo de real/ sucederia/ neste lugar que ainda existe/ dentro de mim/ e que não mudou tanto/ não tanto ao menos/ quanto o lado de fora”.
(FERLINGHETTI, 1984, p. 122, grifo meu)

Daqui só vivemos o lado de dentro. Uma tarde, era domingo, fim do dia, e achei que precisava dar uma volta. Pus uma máscara e fui, com a roupa de ficar em casa, tomei o elevador, segurando um frasco enorme de álcool gel debaixo do braço, feito um escudo, e fui ver a praça na altura do chão. Esse lugar ainda existe? Queria ver com os próprios olhos. Caminhei olhando para as pessoas como se aquilo fosse uma miragem. A luz estava quase acabando. Eu devia ter planejado melhor e escolhido tomar sol, sem a tela de proteção da nossa casa. Vi pessoas de máscara, conversando, sentadas no meio-fio, os cachorros agitados, pulando. Vi duas crianças andando de patinete. Vi um morador de rua deitado no meio da praça, com as calças molhadas, formando uma poça de xixi enquanto cochilava.

O que estava diferente na paisagem eram as máscaras, sem dúvida, os rostos cobertos pela metade, uma cena que há quatro ou cinco meses seria impensável. Mas o que mais me impressionou foi o modo como eu via as coisas. Era tudo tão real, sem o véu, tão direto, frente a frente. Meu espanto era nítido, de dar vergonha. As pessoas estavam lá com um propósito: conversar, se encontrar, passear com o cachorro, se exercitar, espairar. Fui para lá para olhar de perto, para confirmar se

a minha visão do nono andar procedia. Em dado momento, fingi que estava caminhando com algum destino, dando voltas na praça. As pessoas se incomodam quando são olhadas.

Isso me lembrou um dia, quando eu tinha acabado de me mudar para cá, para este apartamento, no início de 2018. Você ainda não tinha nascido. Eu gostava de acompanhar o movimento da praça pela janela, com um pouco de curiosidade e um pouco de receio também. Um dia percebi que todas as quartas-feiras um pessoal se reunia para treinar truques de circo na praça. Eram bambolês, malabares, fitas, pernas de pau. Uma coisa bonita de se ver, embora não fosse propriamente um espetáculo para ser assistido. As pessoas estavam ensaiando, descontraidamente. Eu queria me aproximar, mas sem dar a entender que estava ali como espectadora.

Talvez essa situação resuma um pouco o gesto de escrever poesia, isso de querer chegar perto, mas de um modo discreto, contido, sem chamar a atenção. Se alguém nota que você está ali, olhando, a coisa se quebra, você é obrigado a estabelecer uma relação.

Um filme pressupõe que será assistido por alguém. Uma fotografia espera ser observada. O espetáculo quer ser visto. Mas as pessoas, na rua, estão ali cumprindo o seu papel, têm alguma função, alguma atividade, mesmo que solitária e aleatória. Parar, olhar para o outro, sem o aparato de uma câmera, sem um propósito claro, uma entrevista, um pedido de informação, faz com que o outro olhe de volta para você, esperando alguma satisfação.

Digo isso porque, logo depois de me mudar, com um bloqueio que já durava muitos meses, como costuma acontecer, pensei que adoraria ter uma ideia que me fizesse voltar a escrever. Alguma cena, algum assunto. Era uma segunda-feira, e decidi que na quarta chegaria mais cedo do trabalho, compraria uma comida qualquer na rua para não tomar muito tempo e iria para a praça como se fosse uma turista, uma antena, uma esponja. Seu pai estava viajando a trabalho, como também costumava acontecer, e eu queria ter uma experiência diferente, real.

Desci do ônibus, comprei a comida, vim para casa, deixei a quentinha em cima do fogão, tirei minha bolsa, deixei tudo, celular, chave e carteira, sobre a mesa, tirei os brincos, o colar, tentei ficar o mais neutra possível, o mais invisível possível. Desci para a praça para escrever um poema, sem caneta nem papel, a partir do que eu ia ver.

Quando me sentei no canteiro, notei o incômodo de estar ali, sem propósito. As pessoas continuavam se exercitando, treinando os truques, conversando, rindo, e eu estava ali tentando passar despercebida. Queria absorver o máximo possível, sem ter que conversar com ninguém. Quem eram aquelas pessoas? Que tipo de vida levavam? Onde se apresentavam? Foi aí que um homem se sentou ao meu lado e puxou papo. No início pensei que podia ser um ladrão, ou que ele fosse tentar dar uma cantada naquela mulher sozinha, sentada, com o olhar meio vago. Perguntou o meu nome e eu, desconfortável, inventei um, Maria. Ele era venezuelano e me contou que aquelas pessoas moravam numa ocupação aqui no centro de São Paulo, que reúne crianças e adultos, brasileiros e estrangeiros. Perguntou, então, onde eu morava. Respondi “aqui perto”, quando na verdade estávamos na frente do meu prédio. Foi então que me surpreendi pra valer: ele disse que eu deveria ir conhecer a ocupação e que poderia ficar lá por algum tempo, se precisasse, por um dia ou três meses, como fosse melhor.

Agradei, muito surpresa. Alguém me viu ali, sem nenhum aparato, sem bolsa ou brinco, e pensou que talvez eu não tivesse uma casa para voltar, que eu estivesse à deriva, precisando de ajuda. Fui com a proposta bem objetiva de ver os bambolês e escrever um poema, sem imaginar que poderia ter um diálogo daqueles.

Subi para casa sem conseguir conter o choque, com o poema na cabeça, que seria escrito às pressas antes de jantar a quentinha, já fria, me esperando em cima do fogão. Havia um outro mundo.

2.4 HOJE

Roland Barthes, na anotação correspondente à aula inaugural de *A preparação do romance*, reflete sobre a sensação de estar no meio do caminho, na metade aritmética da vida, no momento em que percebe: os dias estão contados. É quando o sujeito, ele diz, tem uma “tomada de consciência ‘total’, precisamente aquela que pode determinar e consagrar uma viagem, uma peregrinação num continente novo” (BARTHES, 2005, p. 5). Ele chama este instante de “a dobra decisiva”.

O passo seguinte é constatar: não se pode mais experimentar muitas vidas. Já não há tempo para seguir muitos caminhos. É preciso escolher um só, “minha última vida, minha vida nova” (ibid, p. 8). E, para Barthes, não há maneira de se dedicar a uma vida nova se ela não trouxer consigo uma nova prática de escrita.

Acontece que escrever e viver nem sempre andam de mãos dadas. “Presente: ter o nariz colado à página; como escrever *longamente, correntemente* (de modo corrente, fluido, seguido), tendo um olho sobre a página e outro sobre ‘aquilo que me acontece’?”, pergunta Barthes. É um beco sem saída, já que escrever seria a “captura desse texto paralelo, o texto da vida ‘contemporânea’, concomitante” (ibid, p. 36).

Em algum momento da adolescência, passei a achar que a coisa mais importante para escrever, muito mais do que disciplina, era ter uma vida interessante. Uma vida com histórias para contar, com o máximo possível de experiências, como alguém que recusa poucos convites.

Não conseguia escrever em casa. Escrever tinha a ver com movimento, com uma espécie de solidão compartilhada. É como aquilo que o Paul Auster disse, citando Pascal, sobre a infelicidade do homem estar inteiramente ligada à dificuldade de encarar a solidão do próprio quarto.

Eu devia ter uns quatorze anos quando meu avô me levou para Paris. Fui com a minha prima mais nova, Laura. Meu avô sempre gostou muito de viajar. Navegava pela cidade com total desembaraço, sem mapa, sem pedir informação. Conhecia tudo de cor, as lojas, os monumentos, as igrejas, as ruas, os ônibus, as linhas de metrô.

Gastava pouco, anotava cada pagamento a lápis num caderno. Um dia, nessa viagem, me pediu um troco emprestado. Anotou no caderno e devolveu aquela quantia exata, três euros e trinta centavos, ou coisa que o valha, sem uma moeda a mais ou a menos.

Meu avô não gostava de perder tempo. Os dias eram cheios e intensos, sem chance de dormir mais dez minutos ou sentar num café para ver as pessoas passarem. Ele estava nos apresentando a uma cidade pela primeira vez, e nada podia ficar de fora. Uma das lembranças mais fortes dessa viagem é de quando fomos a um supermercado em Saint Germain. Ele mostrava as prateleiras, os morangos, cada fruta, com a mesma veemência de quem está diante de uma obra-prima no museu. As vitrines das lojas de doces, de roupas, de livros, de antiguidades, tudo merecia a mesma atenção.

Nos museus, o entusiasmo dele era total. Em alguns, pegamos fila e pagamos a entrada só para ele nos mostrar dois ou três quadros. E ficávamos ali, na frente das ninfas, por horas. Ele dizia para olharmos bem, com cuidado, cada detalhe, e explicava que aqueles quadros tinham sido pintados quando Monet já estava velho, cego, com glaucoma, e as pinceladas foram ficando mais bruscas, mais grosseiras.

Tirei uma foto dele na frente de uma dessas telas, um quadro azul escuro, mais para o roxo. Está ali o seu olhar satisfeito para a câmera, seu bigode branco, sua postura altiva, sem sorriso (ele não é de sorrir para as fotos). Não dá para ver a moldura do quadro. Parece que meu avô está dentro da paisagem.

Na saída do museu, na escada, ele tirava do bolso uma barra de chocolate amargo, quebrava pequenos quadradinhos, comia um e dava um para cada uma de nós. Não comprávamos nada, no máximo um postal.

Enquanto escrevo, meu avô ainda está vivo. Mas está em casa, ligado a um aparelho de oxigênio. Vai de cadeira de rodas até o banheiro. Já não tem mais interesse em acompanhar as notícias, a ler sobre história, a ver filmes. Tem pouca energia para conversar também. Este mês, completa 94 anos.

Pensando bem, escrever talvez tenha a ver com essa característica do meu avô de tentar não perder nada, manter o interesse, a curiosidade, o entusiasmo, buscar absorver, compreender, estar disposto, não ter preguiça, levar a vida mais interessante possível.

2.5 HOJE

Gosto de como a Sophia de Mello Breyner Andresen fala sobre a sua relação com a poesia. Ela diz que a poesia “pede-me que viva atenta como uma antena, pede-me que viva sempre, que nunca me esqueça. Pede-me uma obstinação sem tréguas, densa e compacta”. Explica que a poesia é sua “explicação com o universo”, sua “convivência com as coisas”. E arremata:

o poema não fala de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta:
ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos,
sombra dos muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das

estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão.
(ANDRESEN, 2018, p. 362)

A poesia fala sobre coisas concretas, sobre a nossa convivência com o mundo material.

No depoimento que Ana Cristina Cesar deu no curso da Beatriz Resende, em 1983, ela chama a atenção para o que está dito no poema – para ela, não há entrelinha, há apenas o que está ali, na linha, no verso:

Você achar que aquilo [o texto] esconde uma outra coisa... Não acredito que esconda, acho que a poesia revela, pelo contrário. Ela não esconde uma verdade por trás ou uma via íntima por trás. Mas é também a dificuldade de quem produz, quer dizer, sempre, quando você escreve, tem sempre uma história que não pode ser contada, entende, que é basicamente história, a história da nossa intimidade, nossa história pessoal. Essa história, ela não consegue ser contada. Se você conseguir contar a tua história pessoal, já mudou. (CESAR, 2013, p. 299)

Você gosta de brincar de se esconder. De pôr as mãos na terra dos vasos de planta. De andar com a escova de dente na boca pela casa. Quando ouvimos um barulho de carro na rua, você aponta hoje para a janela, com os olhos arregalados. Você vê seus avós pela moldura do celular, uma imagem luminosa que trava, depois retoma. Sua avó canta para você e põe a língua para fora. Você imita a língua para fora. Estamos aprendendo a nos comunicar. Pergunto onde você está e você responde: aqui.

2.6 HOJE

No poema “Anonimato e autobiografia”, Adília Lopes conta a história de três escritores que não lidam bem com a ideia de se ver por escrito. Na terceira parte do poema, ela fala sobre um escritor que, em sua autobiografia, se limitou a contar que, no café da manhã, tomava café com leite e comia pão com geleia de laranja. Depois que seu livro foi publicado, ainda que ninguém o importunasse a respeito, sempre que tomava café com leite e comia pão com geleia de laranja se sentia desconfortável. Era “como se estivesse num palco ou num circo a ter de beber café com leite e a ter de comer pão com geleia de laranja/ diante de olhos que abolem a privacidade/ e por se sentir assim passou a comer flocos de aveia”.

Escrever um diário tem a ver com escolher o que registrar, sabendo que quase tudo vai ficar de fora. Será que é possível anotar o momento da dobra decisiva, pegar a dobra em pleno voo, pela gola?

Na nota do autor em *Anos de formação – Os diários de Emilio Renzi*, Ricardo Piglia se dá conta da “estranha sensação de ter vivido duas vidas. A que está escrita nos seus cadernos e a que está nas suas lembranças” (PIGLIA, 2017, p. 11). Em dado momento, ele percebe que não há muito o que contar, já que a vida é inteiramente trivial. Nada se passa. A sensação que ele tem é de que algo está, a todo momento, prestes a acontecer.

O diário, Piglia anota, não deixa de ser uma performance, a vida encenada. Dedicar-se ao ato de escrever é o que importa – não necessariamente o que aconteceu, mas a maneira como os fatos serão narrados.

Se voltarmos ao Barthes, como saber qual é a vida paralela, a vida concomitante: a que está escrita nos diários ou a que é vivida? Uma é mais verdadeira que a outra?

2.7 HOJE

Às vezes chego a pensar que a vida vai ser assim para sempre. O tempo avança e a gente se acostuma a viver assim, dentro de casa, a praça lá embaixo, longe como se fosse outro país. Da janela vemos uma ou outra pessoa nos prédios da frente. Há um senhor que toma sol todas as manhãs, sem camisa. Um rapaz que instalou uma bicicleta ergométrica na varanda e que todos os dias pedala, com vigor. Uma mulher que faz carinho num gato preto. Um homem com uma colher na boca e o olhar perdido.

A chuva afastou todos os frequentadores da praça. Parece que o inverno começou.

quando já não há tempo para trilhar outros caminhos, vem a dúvida: será que fizemos boas escolhas? Será que estávamos prestando atenção nas coisas certas?

Escrever, no início, tinha a ver com o entusiasmo pelas coisas ao redor. Tinha a ver com a nossa relação com o real, com a concretude das coisas. Era um exercício obstinado de reflexão.

Em *Sobre poesia (Uma luz do chão)*, Ferreira Gullar escreve: “Compreendi que a poesia devia captar a força e a vibração da vida ou não teria sentido escrever. Nem viver. Mergulhei assim numa aventura cujas consequências eram imprevisíveis.” (GULLAR, 2006, p.148) Ele chama a atenção para a complexidade de elaborar uma linguagem que esteja inteiramente relacionada à “matéria suja e complexa da vida”. Esse esforço, ele conclui, envolve muito trabalho, já que a linguagem é um organismo vivo.

O gesto de escrever é resultado de uma equação que combina recolhimento com participação nos acontecimentos, na sua época. O poema não é anódino, descolado da realidade. Ao mesmo tempo em que relata uma experiência extremamente individual, a poesia diz respeito (ou pelo menos deveria) à vivência de outras mulheres e outros homens. Minha dificuldade tem sido essa: mesmo que não exista uma experiência que possa ser considerada exemplar, padrão, em que medida podemos saber se a nossa vida pode encontrar paralelo com a vida dos outros, pode ter algum interesse, produzir algum sentido? Até que ponto nossas experiências são capazes de falar sobre o momento em que vivemos, um tempo brutal de apagamento de vozes, de desprezo pela cultura, pelo heterogêneo, mas também de tomada de consciência sobre a necessidade de nos tornarmos mais responsáveis, mais atuantes em nosso espaço de privilégio? Qual o efeito que isso tem na linguagem? Como a poesia pode equilibrar a intimidade com a vibração do que acontece ao redor e se mostrar solidária com os outros?

No texto “Poesia e realidade”, Gullar escreve:

Tornou-se então um desafio para mim elaborar uma linguagem poética que expressasse a complexidade do real sem, no entanto, mergulhá-lo

na atemporalidade, na a-historicidade, na velha visão metafísica.
(GULLAR, 2006, p. 164)

2.9 HOJE

Parei de acompanhar as notícias. A avidez do início da quarentena para me manter a par da política foi aos poucos se transformando em apatia. No início ligávamos a televisão ao acordar e só desligávamos ao dormir. Agora, quase quatro meses depois, só recebo as manchetes no celular. O número de mortos das últimas 24 horas, uma cifra medonha, e isso é praticamente tudo.

A morte é uma constante nesse conjunto de poemas. A instabilidade da saúde do meu avô, a conversa com os médicos e a família na capela do hospital, para dizer que deveríamos estar preparados. A chegada do meu sobrinho, uma cirurgia de emergência em Curitiba, depois de três dias de trabalho de parto, com alto risco para ele e minha irmã, que seguiu hospitalizada por um mês. As complicações da

minha gestação também, em bem menor grau, é verdade. O seu nascimento. O começo de uma nova vida traz uma fragilidade absoluta: no fim da gravidez, todo dia é véspera. Mas sobretudo a morte de um amigo, uma tristeza até hoje difícil de compreender.

2.10 HOJE MAIS TARDE

Este texto, corrido, é uma espécie de contraponto aos poemas. Na primeira parte da tese, a marca mais constante é o movimento, a chegada a uma nova cidade, com um longo período de idas e voltas, as sucessivas trocas de casa, a morte, a quase morte, a gestação, o nascimento. Já a segunda parte é o completo oposto: a morte é um número que chega diariamente no boletim, e só faz crescer. A morte deixou de ser algo particular e se transformou num medo coletivo, num risco real. Não sair de casa para não morrer, nem matar, mesmo que por omissão. Já isso aqui é o registro da vida estagnada, o exercício radical de um ponto de vista fixo, em que o mundo aparece da janela como um quadro distante e incomunicável. Não há mais deslocamento, mudança de cenário. Não há espaço para esbarrões, encontros, surpresas. A única coisa que se transforma agora é você, que a cada dia se

desenvolve um pouco mais, aprende coisas novas. Na quarentena, você começou a andar e está aprendendo a falar. Sua primeira palavra, carregada de significado, foi “aqui”. Neste momento, só existe aqui.

As “quartas-feiras” eram sempre atribuladas, a praça cheia, o nosso dia a dia dividido entre o escritório, os cuidados com você, os encontros com a família, os amigos, os compromissos. Agora todos os dias são o mesmo “hoje”. Todos os dias com a mesma paisagem, os mesmos horários para almoçar, jantar e tomar banho. É como se todos os dias fossem o mesmo – mas não por isso o tempo deixa de passar e nos poupa de envelhecer.

Os poemas falam sobre a vida, mas não são a vida. O poema é feito mais de contenção do que de confissão. A vida pra valer não está aqui.

Minha geração é de modo geral muito marcada pela poesia escrita na década de 1970, a geração mimeógrafo ou marginal. Essa me parece ser a referência principal do que produzimos hoje. A informalidade, a coloquialidade, o verso rápido, que se aproxima da fala. O humor, muitas vezes. A vontade de ser compreendido, mesmo que existam muitas cifras e códigos em jogo, muitas citações não explícitas. O interesse pela música, pela cultura pop, pelo cinema, pelas artes visuais. Uma vontade de fazer aquilo que o Chacal, a partir de Oswald de Andrade, chama de “poema Kodak”, o registro de uma cena banal, só que por escrito.

Em relação à forma, vale destacar o uso da caixa baixa no início dos poemas, como se não necessariamente eles comessem ali. É como se o leitor entrasse em uma conversa já em andamento. Seguindo a mesma lógica, os poemas deste conjunto nunca terminam com ponto final, como se não houvesse uma conclusão. O fim fica em aberto.

Se os poetas dos anos 1970 produziam, à margem do circuito das editoras, seus livros de maneira artesanal, caseira, nossa geração começou a escrever, em larga medida, na internet, em blogs, nos anos 1990-2000. E o que vemos agora, há coisa de poucos (seis, sete?) anos para cá, é um efervescente surgimento de feiras de

publicações independentes e de editoras pequenas, mínimas, às vezes de um único editor, sem retorno comercial.

Há muitas diferenças entre as gerações, é claro, mas acredito que os poetas marginais sejam a influência mais forte para nós, principalmente no “modo de dizer”. E é impossível deixar de mencionar nominalmente Ana Cristina Cesar, que ganhou um estatuto de “mãe de todas” – por sua poesia cifrada, e no entanto convidativa a um leitor não iniciado, que interpela diretamente o interlocutor, e que parece tão próxima, tão íntima, embora ao fim da leitura fique claro que a intimidade é encenação. “Sou fiel aos acontecimentos biográficos./ Mais do que fiel, oh, tão presa!/ Esses mosquitos que não largam!” (CESAR, 2013, p. 79), ela escreve em *A teus pés*.

Nesse conjunto de poemas, os versos nunca terminam com ponto final ou vírgula – no máximo, como exceção à regra, ponto de interrogação. São versos livres, mas com parâmetros internos estabelecidos. Frequentemente, os versos não são *enjambados*: cada linha é uma espécie de estrutura autônoma que tenta reproduzir o ritmo da respiração, da fala. Mais importante do que o encadeamento de um verso para o outro é a pontuação, que deve ser o mais econômica possível, praticamente nenhuma.

Há algumas ambiguidades propositais na quebra dos versos, como por exemplo nessa parte em que é descrita uma fotografia em preto e branco, um registro de duas mulheres, duas crianças e um bebê:

será que elas se dão? pode ser
que tenham se conhecido hoje

A resposta “pode ser”, encadeada com o verso seguinte, esclarece que talvez essas duas mulheres “tenham se conhecido hoje”. No entanto, essa quebra provoca uma segunda leitura, como se respondesse à pergunta: “será que elas se dão?”. Sim, “pode ser” que elas se deem.

Há outra passagem, no fim desse mesmo poema, que talvez sintetize todo o conjunto:

não estou de frente nesse momento
 mas posso dizer
 estou envelhecendo
 tenho quase certeza

Quem narra o poema não está de frente para a fotografia, assim como as mulheres que aparecem na imagem não estão de frente para a câmera. A narradora está tentando se lembrar, à distância, de uma fotografia que está em outro cômodo, em outro apartamento, do outro lado da cidade. Uma fotografia que, naquele momento, está num quarto escuro, apagado. Quem está falando nessa parte é uma dessas mulheres ou é alguém que está fora da fotografia? Depois de tantas suposições – quem são elas, o que estão fazendo, para onde estão indo, se acabaram de se conhecer –, suposições que na ansiedade de tirar conclusões vão se transformando em convicções, o poema termina com uma dúvida. Todo o resto está definido, mas sobra uma pergunta em aberto: se a narradora está envelhecendo ou não. Isso não dá para cravar, “tenho quase certeza”.

2.11 AINDA HOJE

Como retratar o tempo passando nesses poemas? Minha intenção era mostrar uma pessoa no preciso momento em que começa a envelhecer. Como se até então todo o tempo transcorrido fosse uma espécie de período de formação, de juventude prolongada, de coleta de experiências, de construção do sujeito. Como se só a partir daí se chegasse a um ponto, a tal dobra decisiva, em que se percebesse que já não haveria mais muitos caminhos possíveis, onde seria preciso escolher a última vida.

E como fazer para que a poesia acompanhe esse processo de envelhecimento? Como a escrita pode se manter interessada, curiosa, com entusiasmo? Como a poesia pode trazer uma compreensão de mundo solidária, responsável, não alienada,

consciente? Como pode partir do individual para falar também – ou principalmente – da geração, um pouco como o poemão pensado por Cacaso, em que importa menos a autoria, uma assinatura narcisista, e mais as ideias que dizem respeito ao coletivo?

Como escrever uma poesia que seja questionadora, uma poesia não acomodada num estilo ou numa linha de raciocínio, uma poesia que tenha vida própria, como um organismo vivo, como se fosse um novo encontro, com um quê de mistério, de dúvida, sem saber aonde aquilo vai levar? Como não embrutecer, não virar um burocrata, não despejar na poesia toda a frustração da “vida inteira que podia ter sido e que não foi”?

Como não ser anacrônico, como pertencer ao seu tempo, como prestar atenção nas coisas certas? Como encontrar o que se procura ou, mais importante ainda, como saber o que se está procurando?

3. BIBLIOGRAFIA

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil*. Trad. Sonia Branco, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AUSTER, Paul. *A invenção da solidão*. Trad. Rubens Figueiredo, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Martins Fontes, 2005, v. 1.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 51-71, set./dez. 2015.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Trad. José Marcos Macedo.

- BRITTO, Paulo Henriques. *Nenhum mistério*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ERNAUX, Annie. *Os anos*. São Paulo: Três estrelas, 2019. Trad. Marília Garcia.
- FERLINGHETTI, Lawrence. *Vida sem fim – as minhas melhores poesias*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Trad. Nelson Ascher, Paulo Leminski, Marcos A. P. Ribeiro e Paulo Henriques Britto.
- FILHO, Armando Freitas. *Lar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GARCIA, Marília. *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2019.
Bibliografia
- GINZBURG, Natalia. *As pequenas virtudes*. Trad. Mauricio Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- GULLAR, Ferreira. *Sobre arte/ Sobre poesia (Uma luz do chão)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- HETI, Sheila. *Maternidade*. Trad. Julia Debasse, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LANSING, Alfred. *A incrível viagem de Shackleton*. Trad. Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- LOPES, Adília. *Aqui estão as minhas contas*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. Org. Sofia de Sousa e Silva.
- MONTERO, Rosa. *A ridícula ideia de nunca mais te ver*. Trad. Mariana Sanchez. São Paulo: Todavia, 2019.
- MORICONI, Italo. *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: perfis do Rio, 1996.
- NELSON, Maggie. *Bluets*. Estados Unidos: Wave Books, 2009.
- NEUENSCHWANDER, Rivane. *O nome do medo*. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, catálogo da exposição, 2017.
- PIGLIA, Ricardo. *Anos de formação – Os diários de Emilio Renzi*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2017.
- RIBEYRO, Julio Ramón. *Prosas apátridas*. Trad. Gustavo Pacheco, Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

RIBEYRO, Julio Ramón. “A tentação do fracasso”. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. In: revista *serrote*, v. 23. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2016.

RICH, Adrienne. “Raiva e ternura”. Trad. Stephanie Borges. In: revista *serrote*, v. 32. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2019.

SANT’ANNA, Sergio. *O conto zero e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SHACKLETON, Ernest. *South*. UK: Penguin, 2001.

SHÔNAGON, Sei. *O livro do travesseiro*. Trad. Geny Wakisaka, Junko Ota, Madalena Hashimoto Cordaro, Lica Hashimoto e Luiza Nana Yoshida. Organização de Madalena Hashimoto Cordaro. São Paulo: Editora 34, 2013.